

Eles são loucos pelo poder

Fotos de Gustavo Miranda

ASCÂNIO SELENE

BRASÍLIA — Eles chegam de todos os cantos do país certos de que encontrarão em Brasília a solução para seus problemas e angústias. Outros, ao contrário, trazem soluções e acreditam piamente que encontraram as fórmulas e receitas ideais para pôr o Brasil nos trilhos. Estão por toda parte na capital da República, atraídos pelo poder.

O Ministério da Justiça é um dos locais mais procurados por essas curiosas e incompreendidas figuras. Há histórias para todos os gostos. O paranaense Miguel Alchapar jurava de pés juntos que inventara as turbinas de avião mas alguém lhe roubara a patente. Queria ser indenizado. O cearense Valdemiro Nascimento foi ao Ministério da Justiça tomar posse, convencido de que fora eleito ministro junto com o então presidente Fernando Collor. Julgava-se em ponto de bala para acabar com a miséria no país.

São tantos os contadores de histórias mirabolantes, que há três anos o Ministério da Justiça criou uma sala de triagem e contratou uma psicóloga para receber as queixas e sugestões. A decisão de filtrar os visitantes foi tomada quando o pernambucano Célio Rodrigues chegou ao gabinete do ministro para denunciar uma quadrilha de bandidos que ele tinha identificado pela TV.

— Com ar sério e vestido sobriamente, ele disse a um assessor que os bandidos eram os presidentes dos Estados Unidos, da Argentina, do México, da África, de Fernando de Noronha, da Europa e de Portugal — conta Divina Pereira, a psicóloga.

Um dos primeiros casos atendidos por Divina, em junho de 1992, não prosperou no ministério mas acabou sendo motivo para a abertura de um processo na Procuradoria-Geral da República. O cidadão Carlos Taimmig, de Guiratinga (MT), queria que o ministro da Justiça mandasse investigar um certo “Poder Nacional”, que, segundo ele, instalara um dispositivo eletrônico em sua cabeça, depois de já ter feito o mesmo com outras pessoas. Barrado por Divina, Taimmig procurou o Ministério Público. Denunciou o implante em sua cabeça e acusou o “Poder Nacional” de ter substituído por robôs sua mãe, seus irmãos, uma sobrinha e a juíza da comarca de Guiratinga.

No dia 27 de julho, um mês depois da apresentação da denúncia, o subprocurador-geral da República, Alvaro Augusto Ribeiro Costa, mandou um ofício para Taimmig lanuciando que sua representação havia sido protocolada sob o número MPF/PGR 08100.002307/92-20 na Coordenadoria da Defesa dos Direitos Individuais e dos Interesses Difusos. No ofício, Alvaro Augusto pediu o endereço do Hospital Santa Maria de Bertila, que, segundo Taimmig, poderia confirmar o implante do dispositivo eletrônico na sua cabeça.

— Foi um equívoco nosso. Só mais tarde percebemos que a história era fantasiosa. Hoje, já temos **know how** de nossa clientela. Outro dia um cidadão veio denunciar que sua arara era uma espiã. Encaminhamos o sujeito ao serviço médico e não abrimos nenhum processo — disse um procurador.